



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS – CCA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

KELLIANE MEDEIROS DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: IMAGENS E AUTOIMAGENS DE
PROFESSORES (AS) DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DA EJA**

AREIA – PB

2017

KELLIANE MEDEIROS DE LIMA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: IMAGENS E AUTOIMAGENS DE
PROFESSORES (AS) DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Universidade Federal da Paraíba como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciada
em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Wilson José Félix Xavier

AREIA – PB

2017

KELLIANE MEDEIROS DE LIMA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: IMAGENS E AUTOIMAGENS DE
PROFESSORES (AS) DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DA EJA

APROVADO EM ____ DE _____ DE _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Wilson José Félix Xavier

Orientador – DCFS/CCA/UFPB

Prof^a. Dr^a. Ângela Cristina Alves Albino

Examinadora – DCFS/CCA/UFPB

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Silva Daxenberger

Examinadora – DCFS/CCA/UFPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Antônio José e Maria de Lourdes, e a toda minha família por sempre me apoiarem e sempre estarem ao meu lado tanto na minha vida como ao longo deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida e por sempre guiar e iluminar os meus passos me dando força para enfrentar os obstáculos no decorrer de minha caminhada.

Aos meus pais, Antônio José Medeiros da Silva e Maria de Lourdes Lima Medeiros, que sempre me apoiaram em tudo e que sempre me deram força para continuar a lutar pelos meus sonhos. Vocês sempre foram e sempre serão minha fonte de inspiração. Vocês são minha base, o meu tudo. Meu muito obrigado. Amo vocês incondicionalmente.

Às minhas irmãs Cristiane e Kathiane Medeiros de Lima, ao meu sobrinho e afilhado Rafael Medeiros dos Santos que foi o maior presente que ganhei em minha vida, que me fez descobrir um amor que não sabia que existia. Amo vocês demais.

À minha vó Maria do Carmo que eu amo demais e que sempre me deu carinho e amor, um exemplo de vida. Agradeço também a minha tia Maria do Patrocínio e meu tio Valdinês que sempre me acolheram em sua casa quando precisava fazer pesquisa e trabalhos. A meu primo Matheus Lima que sempre me socorreu e me aturou com os meus aperreios quando meu computador resolveu ficar “rebelde”. À minha prima Katiúscia Lima que foi uma das minhas inspirações para escolher o curso de Licenciatura Ciências Biológicas, que sempre me ajudou quando precisei, só tenho o que te agradecer e pedir a Deus que continue te abençoando e iluminando seus caminhos. És um exemplo para mim. Ao meu tio Antônio Medeiros que é como um segundo pai e que sempre procurou me ajudar durante minha vida, e que sempre procurou me ajudar em minhas escolhas. Enfim, agradeço a todos os meus familiares que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Às minhas companheiras e amigas de quarto Emanuela Suassuna, Begna Janine que me acolheram com muito carinho no D6. À Ana Claudia Gonçalves que juntamente com Manu e Begna, acolheu mesmo do outro lado do mundo, e que quando voltou se tornou uma amiga e companheira de quarto excelente. A Erika Dayana amiga e companheira não só de quarto, mas das danças que fazíamos no quarto. E não poderia esquecer a “pequena” Joyce Pereira que sempre está disposta a ajudar e a aconselhar, e que me salvou muitas vezes com seus chás deliciosos. Amo vocês meninas.

Não poderia esquecer os meus colegas e amigos(as) da turma 2012.1 que fizeram com que os dias, meses e anos de curso fossem sempre divertidos e alegres mesmo em momentos de aflição e desespero. Em especial à Riane Alves que sempre me ajudou e me aconselhou e que me deu um sobrinho do coração lindo e ainda flamenguista Luís Henrique, agradeço

também a Bruna Brito, Antônia Maiara, Sammara Pontes, Joelson Germano, Islânea Nunes, Thais Michelle que, também me deu um sobrinho do coração lindo, Pedro. Amos vocês, sem dúvida esta foi e sempre será a melhor turma de todos os tempos do CCA.

Aos meus (minhas) queridos(as) professores(as) que durante os quase cinco anos de curso me transmitiram os seus conhecimentos da melhor maneira possível, em especial à David Holanda (Tio David) que sempre esteve disposto a me escutar e me aconselhar em momentos de angústias e desesperos, és um exemplo de professor e amigo para mim, Carlos Henrique, Ângela Albino, Ana Cristina, Mário Luiz. Vocês sempre serão exemplos de profissionais dedicados e sempre levarei um pouquinho de vocês comigo tanto na minha vida pessoal como profissional.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) na pessoa do professor Mário Luiz Farias Cavalcanti, que foi e sempre será importantíssimo na minha vida profissional, pois foi através deste programa que pude ver de perto o que é ser uma professora. Serei eternamente grata ao programa.

Agradeço também as professoras Ângela Cristina Alves Albino e Ana Cristina Silva Daxenberger pela contribuição dada neste trabalho. Vocês são exemplos a serem seguidos como pessoas e profissionais.

Ao meu querido e amado orientador Wilson José Félix Xavier que teve toda paciência do mundo durante a elaboração deste trabalho, sem o senhor não teria conseguido chegar até aqui. És um exemplo de educador. Sua maneira de ministrar uma aula fez com que admirasse ainda mais esta profissão tão bela. Quando crescer quero ser que nem o senhor. És para mim um professor e amigo.

À Universidade Federal da Paraíba por ter me acolhido tão bem durante estes anos de curso. Em especial a Delza Ribeiro e Eduardo Gomes (secretários da Coordenação de Ciências Biológicas) que sempre estiveram dispostos a ajudar em que fosse necessário. Não sei o que seria de nós alunos sem vocês. Meu muito obrigado.

E por fim agradeço as pessoas que se dispuseram a participar deste trabalho, sem vocês esta pesquisa não existiria. A todos(as) o meu muito obrigado!!!

RESUMO

Sabe-se que são raros os trabalhos que discutem sobre identidade docente e sobre imagens e autoimagens de professores, principalmente, se estes forem da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diante disto o presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de construção da identidade docente do(a) professor(a) de Ciências/Biologia da EJA e sua percepção sobre imagens e autoimagens docentes. A pesquisa foi realizada com docentes dos Municípios de Areia e Remígio – PB, e teve como fonte de obtenção dos dados a realização de um grupo focal e uma entrevista individual, também foi utilizado o método de foto-elicitação em ambos os casos. Foi utilizada na pesquisa visões de alguns autores sobre o tema, tais como: Arroyo(2011), Nóvoa et. al(1995), Bauman(2005), entre outros autores. De acordo com os fatos obtidos, foi possível verificar que os(as) entrevistados(as) se vêem como professores(as) participativos(as). Foi possível notar também que nem todos os participantes da pesquisa estão satisfeitos em lecionar na modalidade EJA, pois ficam sempre comparando com o ensino regular em termos de interesse, dinâmica da turma, etc. Para alguns participantes é bastante gratificante ensinar a EJA e o Ensino Regular, pois, assim têm uma visão de ambos os lados. Os(As) docentes ressaltaram alguns aspectos importantes na construção da identidade tais como: formação, experiência em sala de aula de EJA, sensibilidade e aprendizado com outros(as) docentes.

Palavras-chave: Identidade. Autopercepção docente. Educação de Jovens e Adultos - EJA.

ABSTRACT

It is well recognized that researches about teacher identity, images and their self-images are rare, mainly if they teach in Youth and Adult Education (EJA). Regarding to this, in this work, it was aimed to analyze the process of identity construction of Science/Biology teachers of EJA and their perception about teacher image and self-image. The research was carried out with teachers from the cities of Areia and Remígio - PB, and it had a focal group and an individual interview as a source of data collection, also the photo-elicitation method was used in both cases. It was used on this research some points of view from a few authors, for example: Arroyo (2011), Nóvoa et. al (1995), Bauman (2005), among others. According to the obtained information, it was possible to observe that the respondents see themselves as participatory teachers. Also, it was noted that not all participants of the research are fulfilled as teaching in the EJA modality because they are frequently comparing to the regular education in terms of interest, class dynamics, and so on. For some participants it is quite gratifying to teach in the EJA and Regular Teaching as they have a vision of both sides. The teachers emphasized some important aspects in the construction of identity such as: training, experience in the EJA classroom, sensitivity and learning with other teachers.

Keywords: Identity. Teaching self-perception. Youth and Adult Education - EJA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 A Questão da Identidade	14
2.2 A Identidade Docente	16
2.3 Autoimagens de Professores	18
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
3.1 Classificação da Pesquisa	20
3.2 Local da Pesquisa	20
3.3 Sujeitos da Pesquisa.....	21
3.4 Instrumentos de Coleta Dados.....	21
3.5 Análise dos Dados	22
3.6 Apresentação dos Dados	22
4. AS REPRESENTAÇÕES DO “EU DOCENTE”: COMO OS(AS) DOCENTES SE PERCEBEM.....	24
4.1 Experiências Narrativas e de Percepção em um Grupo Focal	24
4.2 Refletindo Sobre uma Percepção Diferente: Entrevista com um Professor Iniciante em Eja.....	26
4.3 Diante da Imagem: Abordando Outras Percepções Docentes Diante de Imagens Visuais (Foto-Elicitação).....	29
5. AS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
APÊNDICES	42
FIGURAS DO ALBÚM DE FOTO-ELICITAÇÃO APRESENTADO AOS SUJEITOS DA PESQUISA	42
ROTEIRO DE ENTREVISTA/GRUPO FOCAL.....	44

1. INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com a modalidade Educação de Jovens e Adultos(EJA) veio através do Programa Alfabetização Solidária¹ por volta do início dos anos 2000, oferecido no sítio Capim de Cheiro onde resido, no qual meus pais participaram por alguns anos como estudantes, e eu quase sempre ia com eles nas noites de segunda à sexta-feira, para as aulas que ocorriam no Grupo Escolar Maria de Jesus Costa. De certa forma, acabava participando das aulas, ajudando os(as) alunos e alunas a responderem as atividades dos livros que eram utilizados pelos(as) educadores(as), e que, no caso era disponibilizado pelo programa. Acredito que este contato breve acabou influenciando na minha escolha de cursar a disciplina Alfabetização de Jovens e Adultos: processos e métodos, a qual faz parte da grade curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), uma vez que esta é uma área bastante interessante no sentido de conhecer a realidade das pessoas participantes desta modalidade, como também na construção do nosso próprio conhecimento enquanto professores(as).

Sendo assim, posso dizer que a ideia da pesquisa surgiu a partir da disciplina “Alfabetização de Jovens e Adultos: processos e métodos”, disciplina optativa oferecida no oitavo período do curso de Ciências Biológicas. No decorrer da disciplina a EJA foi “roubando” minha atenção e me encantando. Dai veio o interesse de trabalhar com ela. Ao fazer uma breve pesquisa inicial, percebi que há uma escassez de trabalhos referindo-se à identidade do professor, principalmente em relação à identidade do professor da EJA.

Ao ler alguns textos sobre o tema, percebi o quão importante era para mim enquanto futura professora de Biologia, bem como para os meus colegas professores(as), sejam eles(as) de EJA ou não, a importância de aprender sobre identidade do(a) professor(a), de saber como o(a) próprio(a) professor(a) se vê, se autopercebe enquanto professor(a).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a educação, no Brasil, enfrentou diversas barreiras ao longo de sua história, principalmente, a Educação de Jovens e Adultos, a qual passou por diversas barreiras até ser assumida com maior compromisso pelos governantes e pela sociedade, uma vez que, para os governantes antigamente era, de alguma forma era conveniente que a maioria das pessoas de certa forma não fosse alfabetizada, pois, assim, não

¹O programa de Alfabetização Solidária foi criado pelo Conselho da Comunidade Solidária em janeiro de 1997, com o objetivo de reduzir os índices de analfabetismos entre Jovens e Adultos no País, principalmente na faixa etária de 12 a 18 anos, e desencadear a oferta pública de Educação de Jovens e Adultos. Em novembro de 1998, foi criada a Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária, uma organização não governamental sem fins lucrativos e de utilidade pública, com estatuto próprio, que passou a ser responsável pela execução do Programa. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss10_05.pdf. Acesso em 17 de agosto de 2016.

teriam maior consciência do valor de suas ações e, principalmente, do valor de seu trabalho. A partir do momento que os jovens e adultos passam a ser alfabetizados eles passam a entender qual o seu papel e importância diante da sociedade, passam, a saber quais os seus direitos e deveres, ou seja, ter uma leitura mais crítica da sociedade em que vivem (PAIVA, 2003).

Na história da educação brasileira foram criados diversos programas ou campanhas com o intuito de erradicar o analfabetismo (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, Movimento Popular de Alfabetização, dentre outros). Porém, muitas vezes, estes programas não possuíam educadores(as) capacitados(as) especificamente para tal tarefa, uma vez que, eram colocadas pessoas leigas para ensinar os jovens e adultos que não tiveram acesso à educação anteriormente. Assim, estes(as) alunos(as) aprendiam a decodificar as letras e algumas palavras, mas, não sabiam o real sentido do que estavam lendo, estes eram chamados de analfabetos funcionais.

Com o passar dos anos a alfabetização de jovens e adultos foi se intensificando e novos programas foram criados, e assim, a luta pelo fim do analfabetismo foi criando força. Foi nesse contexto, que na década de 1960, surge a figura do educador Paulo Freire, um grande pedagogo e educador, que revolucionou o ensino brasileiro. A partir de suas experiências e estudos na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e no MCP (Movimento de Cultura Popular²) de Recife, Freire criou um sistema de alfabetização para jovens e adultos a partir do diálogo e da ideia de conscientização. Método este que ia além de ensinar a ler e escrever, mas que tinha o objetivo de fazer com que o aluno entendesse o que estava aprendendo e que soubesse fazer o uso dessa aprendizagem. Paulo Freire acredita igualmente que a relação educador-educando era fundamental nesse processo, já que seria interessante que o(a) educador(a) conhecesse o seu aluno, sua história de vida, o motivo de ele(a) estar ali procurando este conhecimento, etc., como também o(a) educando(a) deveria conhecer aquele que está lhe ensinando, o(a) professor(a).

Diante disso, Paulo Freire em um de seus textos que compõe o livro “Pedagogia da Autonomia” fala sobre a prática docente, na qual o educador aprende ao ensinar e quem está aprendendo ensina ao aprender. Para Freire é preciso que haja uma relação amigável entre o

²O MCP foi criado em 1961, por um grupo de intelectuais e artistas pernambucanos, na primeira gestão de Miguel Arraes como prefeito de Recife. Assumiu inovadoramente o conceito de cultura popular como chave para o trabalho com a população pobre, por meio de escolas para crianças, alfabetização de adultos, praças e núcleos de cultura. Revitalizou as festas folclóricas e teve expressiva atuação no teatro e cinema. Seu Livro de Leitura para Adultos renovou radicalmente o material didático da época. Sediou a primeira experiência do Sistema Paulo Freire, no Centro Dona Olegária, em 1962, e o I Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, promovido pelo MEC, em 1963.

professor e o aluno, para que assim a troca de conhecimentos entre ambos seja mais proveitosa.

O educador aprende com a prática e nesse processo constrói sua própria identidade. É ao longo dos anos de experiências que vamos constituindo e aprendendo a nossa própria maneira de ensinar ou transmitir conhecimentos e experiências ao longo da prática docente. Freire(2011) aponta vários saberes necessários para a prática educativa, os quais são importante, inclusive, na formação da identidade docente, sendo estes: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; a corporificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; e o reconhecimento e a assunção da identidade cultural.(FREIRE, 2011)

Paulo Freire (2011) sugere que o professor pode construir ao longo dos anos sua identidade, a partir desses saberes e práticas, já que é através da práxis³ que adquirimos conhecimento e que iremos construir a nossa própria identidade.

Por outro lado, Arroyo (2011) nos faz refletir sobre a forma que a sociedade “vê” os(as) professores(as). Muitas vezes a sociedade percebe o(a) professor(a) de forma avessa a qual realmente é. Se por algum motivo um(a) professor(a) reivindica alguns de seus direitos através de um tipo de manifestação como greves, paralisações, uma parte da sociedade não o reconhece como um(a) educador(a), pois se o fossem não estariam ali se comportando como “baderneiros”. Portanto, cada pessoa cria sua própria visão a respeito da imagem do(a) professor(a). Mas afinal, qual seria a imagem que o(a) próprio(a) professor ou professora se vê? Qual a sua autopercepção? Arroyo também nos faz pensar sobre nossa própria autoimagem, como realmente nos vemos enquanto profissionais. Será que temos uma única imagem? Ou será que somos um conjunto de imagens? É necessário que reflitamos sobre estes questionamentos, para que assim possamos tentar chegar a uma melhor compreensão sobre nossa própria imagem, nossa própria identidade. (ARROYO, 2011).

Atuando nesta modalidade de ensino existem professores(as) cuja identidade docente pode ser definida ou que ainda esteja em construção. Diante disso, foi feita uma pesquisa para identificar qual a autopercepção dos(as) professores(as) de Ciências/Biologia da EJA quanto às suas identidades enquanto professores(as) da EJA.

³ A práxis é um modo de compreender a existência a partir da relação entre subjetividade e objetividade, entre ação e reflexão. Desenvolver um pensamento pedagógico baseado na práxis é possibilitar o élan relacional entre humanização e educação. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3797/arquivo149_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 de fevereiro de 2017.

Porém, cabe lembrar que a modalidade EJA não é apenas só alfabetizar ou complementar os estudos dos jovens e adultos, esta modalidade também requer professores(as) qualificados(as) para tal tarefa. Diante disso, podemos nos perguntar: como deve ou deveria ser o(a) professor(a) da EJA? Este(a) professor(a) tem uma identidade própria? Qual seria esta identidade? Partindo deste ponto a pergunta chave do presente trabalho é: qual a autopercepção dos professores(as) de Ciências/Biologia de EJA quanto às suas identidades docentes?.

Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo geral compreender as questões que influenciam na autopercepção dos professores(as) de Ciências/Biologia da EJA enfocando as suas identidades docentes. Para tal, primeiramente foi necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema, uma vez que, não encontramos muitos trabalhos nesta área. Em seguida foi realizada uma análise das autoimagens destes(as) docentes e, por fim, fazer uma reflexão acerca dos aspectos que influenciam nas autoimagens dos docentes de Ciências/Biologia da EJA.

A identidade do(a) professor(a) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um tema pouco abordado atualmente, e por isso, é necessário uma maior quantidade de estudos sobre o tema para que assim possa ajudar os(as) futuros(as) docentes desta modalidade ou de qualquer nível de ensino, a compreender melhor o que é ser um(a) educador(a) nos dias atuais e como os(as) mesmos(as) se identificam. O presente trabalho é de suma importância para a sociedade devido a contribuição que poderá trazer para os estudiosos da área como para qualquer professor(a) sejam eles de EJA ou não, onde poderão encontrar informações que os ajudarão a entender a identidade do(a) professor(a). Uma vez que, a sociedade talvez não tenha consciência da real função do professor perante ela.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Atualmente fala-se muito em identidade cultural, identidade docente, etc., mas o que seria realmente identidade? De acordo com Dubar (1997, p. 4):

A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que ele tem de mais precioso: a perda de identidade é sinónimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no acto do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é um produto de sucessivas socializações.

Como podemos observar na citação acima a identidade é algo que não se constrói ao nascer, mas sim ao longo de nossa vida. Todas as nossas vivências desde a infância até o decorrer de nossa vida vão influenciar nessa construção. Todas essas experiências que passamos têm grande contribuição na composição dessa identidade que sempre estamos em busca. É através desta identidade que podemos nos autoconhecer e fazer com que as outras pessoas nos reconheçam. É através dela também que nos mostramos à sociedade, bem como é conjuntamente com a sociedade que a construímos. Ao nos relacionarmos com as outras pessoas adquirimos conhecimentos que nos ajudam a construir a nossa própria identidade.

Uma outra perspectiva sobre as questões de identidade, chega-nos por meio dos estudos de Hall (2006, apud FARIA e SOUZA, 2011), nos quais o autor aponta três tipos de percepções diferentes acerca de identidade que está relacionada às visões de sujeito no decorrer da história. Segundo este autor,

A primeira é denominada identidade do sujeito do Iluminismo, que expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. [...] Já a segunda, a identidade do sujeito sociológico, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é constituído na relação com outras pessoas, cujo papel é de mediação da cultura. Nessa visão, que se transformou na concepção clássica de sujeito na Sociologia, o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos interno e externo. [...] Por último, apresenta a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas formada e transformada continuamente, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte. (HALL apud FARIA e SOUZA, p. 5-6, 2011).

Hall nos mostra três formas de perceber historicamente a identidade. Uma se expressa de maneira individual, na qual é levada em consideração nossa razão e nossa consciência, a que Hall define como “identidade do sujeito do iluminismo”. Este tipo de identidade é mais

ligada ao próprio “eu”. Já sobre o segundo tipo de percepção, podemos dizer que a “identidade do sujeito sociológico” tem uma ligação mais próxima com a sociedade, uma vez que preconiza a relação que o indivíduo tem com as outras pessoas, relação esta em que há uma interação do “eu” com a sociedade, com outras culturas, etc. E também há a visão da “identidade do sujeito pós-moderno” na qual não nos fixamos a uma identidade, mas sim a transformamos ao longo do tempo. Este último tipo, seria uma identidade que é influenciada pelas várias formas culturais existentes ao nosso redor. Diante disso, acreditamos que estas percepções de Hall nos ajudam a pensar mais profundamente a questão da identidade.

Como podemos observar a identidade pode ser pensada como algo que estará sempre em construção. É algo que vamos adquirindo com o tempo, seja através da nossa interação com a sociedade ou através de nossos próprios conhecimentos. Dificilmente chegaremos a defini-la por completo, pois, sempre estaremos sujeitos a novas mudanças sejam elas pessoais ou profissionais. Diante disso Hall (2006) aponta que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possível, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 3).

Nesse sentido, o processo construtivo da identidade vai se dando ao longo dos anos de uma vida. Cada dia ou ano, que passa, vamos adquirindo conhecimentos novos que vão nos constituindo, e esta constituição faz com que possamos construir a nossa própria identidade perante a sociedade em que estamos inseridos(as).

Nesta visão pós-moderna de identidade Bauman (2005) nos fala que a identidade nos é dada como alguma coisa a “ser inventado” ao invés de ser “descoberto”:

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais- mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta” (BAUMAN, 2005, p. 21 e 22)

Bauman (2005) nos diz nesta fala que a identidade nos é mostrada de forma inventada, que para termos acesso a ela é preciso que nos esforcemos para alcançá-la. É um objetivo que procuramos sempre alcançar. A identidade não é algo fixo, ou seja, ela não se mantém a vida toda, mas sim se modifica ao longo dos anos. O que hoje nos identificamos, amanhã ou depois poderemos não nos identificar mais. Sempre haverá mudanças em nossa identidade, e essas mudanças se devem ao nosso convívio com a sociedade que nos rodeia. Oliveira et. al (2006) nos diz que “a construção da identidade é compreendida como um processo contínuo

que ocorre no fluxo das atividades sociais”, ou seja, ao nos relacionarmos com as pessoas vamos construindo a nossa própria identidade.

Como vimos nestas discussões acima, a identidade é um processo de construção que irá se modelando com o passar dos anos através das relações sociais e pessoais que vamos vivendo. Tudo o que adquirimos ao longo de nossa vida nos servirá como aprendizado e este aprendizado de certa forma influenciará nossas maneiras de agir e de pensar. Assim como a nossa identidade pessoal é construída ao longo de nossa vida, a identidade docente também é algo que vai se construindo ao longo do tempo. Sendo assim, é necessário tentar compreender melhor as questões relacionadas à identidade docente.

2.2 A IDENTIDADE DOCENTE

O processo de formação identitário do(a) professor(a) segundo Nóvoa et al. (1995) é baseado na junção do que o autor chama de “três A’s”: A de “Adesão”, A de “Ação” e A de “Autoconsciência”. “Adesão” porque para ser professor(a) é preciso aderir a princípios e valores. A de “Ação” porque o(a) professor(a) utiliza-se tanto de suas decisões pessoais com profissionais para melhor escolher suas formas de agir em sua sala de aula. A de “Autoconsciência” porque é preciso que o(a) professor(a) leve em consideração a reflexão de sua própria ação.

Assim como outros autores que trabalham as questões de identidade, Nóvoa diz que “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto, a identidade é um lugar de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. É partir desta afirmação que Nóvoa diz que é mais apropriado usar o termo processo identitário ressaltando as várias formas que cada um se sente e se diz professor(a). A identidade é um processo que precisa de tempo para ser construída. (NÓVOA et. al,1995).

Para Garcia, Hypolito e Vieira (2005, p. 48) entende-se por identidade profissional docente:

[...] as posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais, mais ou menos complexas e burocráticas.

Como podemos observar a identidade docente é construída a partir daquilo que vivenciamos no nosso ambiente de trabalho, a sala de aula. Todas as experiências vivenciadas por nós educadores(as) vão ter uma certa significação neste processo de construção da

identidade docente. As maneiras que atuamos no exercício de nossa profissão nos revela a sociedade, ou seja, o nosso modo de agir no ambiente de trabalho será refletido a sociedade como uma identificação.

Arroyo em seu livro “Ofício de Mestre” diz que, de certa forma, somos reflexo dos mestres de antigamente, ou seja, “guardamos em nós o mestre que tantos foram. Podemos modernizá-lo, mas nunca deixamos de sê-lo. Para reencontrá-lo, lembrar é preciso” (ARROYO,2011, p.17). Podemos tentar perceber através desta fala de Arroyo que mesmo que os anos se passem, iremos remeter aos nossos mestres no nosso modo de agir em sala de aula. Por mais que estejamos nos modernizando, sempre levaremos conosco algo que aprendemos com os nossos professores(as). Quer queira, quer não, estaremos repetindo um gesto, uma maneira de transmitir algo aos nossos alunos que aprendemos com os nossos professores(as).

Arroyo(2011, p. 18) ainda nos fala que “o saber-fazer, as artes dos mestres da educação do passado deixaram suas marcas na prática dos educadores e das educadoras de nossos dias. Esse saber fazer e suas dimensões ou traços mais permanentes sobrevivem em todos nós”. Ou seja, as formas utilizadas pelos(as) educadores(as) nas práticas docentes de tempos atrás ainda são reveladas nas práticas atuais pelos docentes da atualidade.

Pimenta e Anastasiou (apud SANTOS E RODRIGUES et. al, 2010, p. 20) nos diz que:

A identidade profissional constrói-se pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor.

Sendo assim, cada um nós docentes somos ator/atriz e autor(a) de nossa própria identidade ao mesmo tempo. Através dos valores construídos e adquiridos ao longo de nossa vida vamos compondo nossa identidade. A maneira que nos comportamos pessoal e socialmente é reflexo de tudo, ou quase tudo, que adquirimos em nosso dia a dia, e isto vêm também dos sentimentos que sentimos sejam eles, angústias, anseios, certezas e incertezas, podemos dizer que tudo que sentimos e que acreditamos reflete-se em nossa identidade, em nossa maneira de agir em sala de aula.

Pimenta e Anastasiou (apud SANTOS E RODRIGUES, 2010, p. 20) ainda falam que a “A identidade é construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas, também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas[...]”.As formas tradicionais de se trabalhar em sala de aula sempre estarão presentes em nosso cotidiano escolar, porém, estas maneiras terão o nosso jeito, ou seja, teremos como base as práticas

tradicionalmente usadas por docentes que vieram antes nós, mas com o nosso toque de modernidade e de nosso próprio jeito de ser.

Nessa mesma direção Oliveira et al. (2006, p.548) nos diz que “O desenvolvimento pessoal e profissional de um professor é um processo complexo e tecido conforme ele se posiciona em relação a múltiplas e, por vezes, contraditórias situações”. Ou seja, a maneira em que tomamos posição em uma situação também é uma forma de exercer nossa identidade docente ou pessoal. Em nosso ambiente de trabalho iremos vivenciar diversas situações, boas ou ruins, e a forma a qual iremos fazer para resolver ou sair dela, será de acordo com as nossas convicções que adquirimos ao longo de nossas experiências.

Como podemos ver a construção da identidade docente, em suas variadas visões de autor para autor, será desenvolvida através das nossas convivências, das nossas atitudes, do nosso aprendizado ao longo da vida, e tudo isso se dará pela forma a qual nos relacionamos com o meio que nos cerca. As interações sociais e pessoais que temos durante nossa vida, na nossa profissão, no nosso ambiente de trabalho contribuirão para a construção desta identidade docente. Identidade esta que sempre estará sujeita a mudanças. Pois, somos seres que se modifica com o passar dos anos, e com isso iremos adquirir novos valores, reconstruir os valores antigos e assim sucessivamente.

2.3 AUTOIMAGENS DE PROFESSORES

A escolha pela profissão de professor(a) de certa maneira é influenciada pela forma que fomos tratados pelos nossos professores e professoras quando criança. A maneira que cada um(a) se relaciona com seus alunos pode despertar na criança ou jovem o desejo pela profissão. A imagem que o(a) professor(a) passa dentro da sala de aula para seus estudantes acaba acarretando uma certa influência na vida destes estudantes na escolha pela profissão docente.

Esta imagem é construída ao longo dos anos de experiências que os(as) professores(as) conquistam no decorrer da profissão. Tudo o que eles vivenciam contribuem para que esta imagem seja formada. Seu jeito de pensar, agir, sentir pode influenciar também nesta construção. Em relação a esta imagem Nogaro e Dall’ Agnol (2003, p.8) diz que:

A partir do momento em que as pessoas nascem, começam a observar o que está ao seu redor, o que o mundo lhes mostra, então se inicia a constituição das imagens. As imagens que vão sendo construídas dentro de cada ser humano dependem de como ele vê o mundo, ou seja, da sua forma de sentir, absorver e interpretar o que vê, dos sentidos que cria, estabelece e partilha.

Como podemos observar tudo o que nos rodeia serve como uma espécie de componente na construção da nossa imagem. A forma com que vemos, sentimos e interpretamos o mundo que nos cerca, é fundamental para esta construção da imagem. Cada “coisinha”, por menor ou maior que seja, que nos cerca faz com que criemos o nosso próprio modo de ver tudo aquilo que está ao nosso redor. Nogaro e Dall’ Agnol (2003, p.8) ainda nos fala que “As pessoas, normalmente, refletem pouco sobre as imagens que possuem delas mesmas (autoimagens), dos outros, dos fatos, da vida, pois estas imagens se formam, muitas vezes, sem que elas percebam”. Isso quer dizer que não somos acostumados a pensar sobre nós mesmos, sobre nossa própria imagem (autoimagem). Se passássemos a refletir sobre nossa autoimagem será que seria parecida com a imagem que as outras pessoas têm de nós? Muitas vezes ficamos julgando a imagem do outro e esquecemos de julgar a nossa própria imagem. Deveríamos ter mais o hábito de nos autoanalisarmos, quem sabe assim, teríamos uma visão mais detalhada e crítica de nós mesmos.

Por mais que queiramos diferenciar a nossa imagem pessoal da imagem do ser professor não conseguimos. Nossa própria imagem está ligada à nossa imagem como professor(a). Não conseguimos separá-las. A nossa vida profissional sempre será ligada a nossa vida pessoal. Arroyo nos diz que:

Problematizar-nos a nós mesmos pode ser um bom começo, sobretudo se nos leva a desertar das imagens de professor que tanto amamos e odiamos. Que nos enclausuram, mas do que nos libertam. Porque somos professores. Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a profissão docente. Poucos trabalhos e posições sociais podem usar o verbo ser de maneira tão apropriada. Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro nós. (ARROYO, 2011, p.27)

Como observamos na fala de Arroyo, não conseguimos separar totalmente a imagem do(a) professor(a) da imagem pessoal. Por mais que possamos amar ou odiar a profissão de docente, uma vez docentes, dificilmente conseguiremos separar uma imagem da outra. Porque ser professor(a) é muito mais do que só ministrar aulas, é se envolver de corpo e alma em um mundo de descobertas. É levar as atividades profissionais para o nosso ambiente familiar, é levar o nosso ambiente familiar para a escola. Uma vida está ligada à outra, e não somos capazes de distingui-las. Afinal, somos professoras e professores, “é um outro em nós”.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é caracterizada por ser uma investigação de abordagem do tipo qualitativa que, segundo Prodanov e Freitas(2013, p. 70) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Este tipo de pesquisa não requer dados estatísticos, sendo mais descritiva e interpretativa.

Prodanov e Freitas (2013, p. 70) dizem ainda que o “ambiente é a fonte direta dos dados” e que há um contato mais direto entre o pesquisador o ambiente e o objeto de estudo, que no caso precisa de um trabalho mais intenso de campo. Em seguida o pesquisador irá analisar seus dados.

Em termos de procedimento, este trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa de campo é “utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 59)

Com relação aos seus objetivos, a pesquisa é de caráter exploratório, tendo como “finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento [...]”, uma vez que, essa pesquisa é feita em fase preliminar. Este tipo de pesquisa “possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos”. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.51-52).

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em três escolas estaduais. Por questões éticas os nomes reais das escolas foram preservados, sendo assim utilizados nomes fictícios. A Escola Monteiro Lobato e a Escola Augusto dos Anjos, ambas localizam-se no município de Remígio. E a Escola Cora Coralina, localiza-se no município de Areia – PB. As escolas situadas em Remígio são de fácil acesso, pois, ambas localizam-se no centro da cidade. A escola situada na cidade de Areia também localiza-se em um local central e também é de fácil acesso da cidade.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras e um professor. As referidas professoras são formadas em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias, Campus II – Areia-PB, que residem na cidade de Remígio. O professor também é formado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela mesma Universidade que as demais participantes, residente na cidade de Areia. Por questões éticas no sentido de resguardar as identidades, sempre que mencionados os referidos sujeitos serão chamados, respectivamente, de entrevistadas e entrevistado 1, 2 e 3 (E1, E2 e E3). Os participantes ministram aulas em turmas seriadas, ou seja, uma única série por turma.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DADOS

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: a entrevista individual, o grupo focal e a foto-elicitação.

A entrevista de acordo com Prodanov e Freitas (p. 106) é feita “face a face”, ou seja, há o entrevistador e o entrevistado, como também pode-se utilizar “questões preestabelecidas e até mesmo impressas”. O roteiro das entrevistas foi composto por perguntas abertas, as quais permitem aos entrevistados uma maior liberdade de resposta.

Já o grupo focal segundo Oliveira e Freitas (1998, p. 83) é “um tipo de entrevista realizada em grupo [...] o foco ou objetivo de análise é a interação dentro do grupo”. Os mesmos autores ainda dizem que o grupo focal “propicia riqueza e flexibilidade na coleta de dados, normalmente não disponíveis quando se aplica um instrumento individualmente, além do ganho em espontaneidade pela interação dos participantes” (OLIVEIRA e FREITAS, 1998, p. 84). Optou-se por utilizar esse método devido a esta interação que o grupo focal proporciona aos participantes, fazendo com que ocorra uma melhor e maior obtenção de informações entre os mesmos.

Nos dois casos – entrevista e grupo focal -, foi utilizado o método de foto-elicitação, que envolve o uso de fotografias/imagens para evocar comentários, memórias e discussões no decorrer de uma entrevista semi-estruturada (BANKS, 2009, p.88). As imagens em questão são diferentes representações de docentes em sala de aula que, escolhidas previamente pela pesquisadora foram apresentadas aos(as) entrevistados(as) no intuito de desempenhar um

papel ativo/provocativo, para que os(as) referidos(as) docentes entrevistados(as) pudessem se identificar com tais imagens e expor suas percepções acerca das escolhas. Procurou-se buscar imagens que mostrassem exemplos de professores tanto conservadores, como também professores mais libertadores, para que assim os(as) participantes da pesquisa pudessem ter diversas opções de escolhas e escolhessem aquela(as) que mais se identificassem.

Em todos os casos, sempre que permitido, as conversas advindas de entrevistas/grupos focais foram gravadas, sendo necessária a utilização de recursos tecnológicos, que neste caso foi um aparelho celular para a gravação da entrevista e do debate, em arquivos MP3 e posteriormente transcrita pela autora. O grupo focal teve a duração de mais ou menos 35 minutos e a entrevista individual aproximadamente 14 minutos.

Vale salientar também que os participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento levado pela pesquisadora como uma formalidade e como concordância na divulgação dos dados.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Foi feita uma análise do conteúdo dos dados obtidos nas entrevistas e nos grupos focais, informações essas que foram cruzados entre si, ou seja, realizamos uma comparação dos dados obtidos na entrevista e no grupo focal. Prodanov e Freitas (2013, p.113) dizem que “[...] é necessário agrupar os dados, sintetizando-os, para que sejam ordenados de forma lógica e possam dar as respostas desejadas de forma clara e objetiva”. Sendo assim, ao fazermos o cruzamento dos dados obtidos no grupo focal e na entrevista individual, iremos obter uma melhor resposta do tema questionado.

Porém, é necessário fazer uma seleção dos dados obtidos, que segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 113) pode ser feita através de “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a sua categorização, sua interpretação e a redação do relatório”. É nesta fase do trabalho é de grande importância para o pesquisador, pois é nesse momento que ele irá conseguir as respostas necessárias para a sua pesquisa.

3.6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para uma maior clareza e fidelidade aos dados coletados buscou-se utilizar trechos das informações coletadas nas entrevistas e nos grupos focais, tornando a apresentação dos dados

mais coerente. Vale salientar, que as identificações das professoras e do professor foram mantidas em sigilo, por questões de ética profissional, para que assim não houvesse uma exposição das mesmas.

4. AS REPRESENTAÇÕES DO “EU DOCENTE”: COMO OS(AS) DOCENTES SE PERCEBEM

4.1 EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS E DE PERCEPÇÃO EM UM GRUPO FOCAL

A partir dos debates realizados através do grupo focal com as professoras E1 e E2 pudemos perceber um pouco como elas se vêem. Para iniciar a conversa perguntamos qual imagem elas tinham de si mesmas. Enquanto professoras, as entrevistadas E1 e E2 se auto intitularam como “professoras mediadoras e inovadoras”.

E1: Eu acho assim, que a gente tenta fazer aquele termo de mediação entre o aluno e o professor, então, fazendo com que a gente tenha... [gestual e fisionomia de E1 indicando procura de palavras na memória, sem encontrar]

E2: [interrompendo a fala de E1] ... bom relacionamento com o aluno e ao mesmo tempo manter uma certa disciplina na sala, precisa ter uma conversação entre o professor e o aluno, você ter o respeito do aluno e ao mesmo tempo ter um bom diálogo[...] (Grupo focal realizado com E1 e E2 no dia 02/11/2016).

Como podemos observar as entrevistadas se vêem como professoras abertas ao diálogo com os seus alunos, pois acreditam que dessa forma manterão um bom relacionamento com eles. Diante disso podemos perceber como, para alguns(mas) docentes o quanto importante é o diálogo, a conversa entre o educador e o educando, isso pode fazer que ambos se conheçam, se interajam e principalmente se respeitem. A relação entre educador e educando deve ser de harmonia para que assim ambos possam alcançar os seus objetivos. No caso das professoras o diálogo não é só uma prática pedagógica, mas aparece também como um valor positivo na figura de um(a) educador(a)

Ao questionar sobre a diferença entre ensinar uma turma de Ensino Fundamental ou Ensino Médio regular para uma turma de EJA, a professora E1 diz que “a turma de EJA requer um pouquinho mais de delicadeza, de atenção, porque, principalmente eu, que pego turmas de senhoras e senhores”. Já em relação à turma de Ensino Médio a professora E1 diz que “[...] uns são mais centrados em vestibular, e da EJA não, eles só querem terminar [...]”. Já a E2 fala que “é totalmente diferente, a sintonia da turma do Ensino Médio de EJA para o Ensino Médio regular [...] não existe uma bagunça [...] eles são bem mais centrados, o contexto da sala é diferenciado [...] as brincadeiras, as conversas [...]”.

Como podemos observar em E1 há uma visão de que uma parcela dos(as) estudantes do Ensino Médio, pensam em prosseguir com os estudos e quem sabe até fazer o vestibular e

cursar uma universidade e os alunos da EJA querem apenas terminar os estudos, embora tenha alguns alunos que fazem cursos técnicos. A E2 focou mais na dinâmica da turma, se são mais concentrados ou se são mais “bagunceiros”, o diálogo se diferencia entre uma turma e outra.

Diante da fala, podemos perceber que há uma diferença entre turmas de EJA e Ensino regular, porem, isto não quer dizer que os alunos da EJA só querem terminar os estudos enquanto os alunos do ensino regular querem ir além e procurar um vestibular. Há alunos de EJA que visam continuar seus estudos e cursar uma faculdade. Esta visão de E1 se dá devido ela ter uma turma de EJA com mescla de alunos com faixa etária diferenciada, ou seja, a turma tem pessoas com uma idade mais avançada e poucas pessoas com uma idade mais jovem. Então, não podemos dizer que todos(as) as pessoas que fazem EJA só querem terminar os seus estudos, pois, terá também aqueles(as) alunos que querem ir além do ensino médio.

Ao serem questionados sobre como elas acham que a sociedade vê o(a) professor(a) a E2 disse que a sociedade vê o professor “como um instrumento de ensino, de aprendizagem, que de certa forma é um instrumento de ensino, que na realidade não é, tão reconhecido. É como se tivesse a obrigação só de ensinar, se o aluno não aprende a culpa é do professor, agora se o aluno aprende nem sempre é o professor o incentivador [...]”.

Ao perguntar como deve ou deveria ser o(a) professor(a) da EJA as entrevistadas 1 e 2 disseram que “o professor precisa ter uma delicadeza com o alunado [...] pois eles tem suas dificuldades[...]”, ou seja, o(a) professor(a) da EJA tem que levar em consideração as dificuldades que a turma apresenta, não pode exigir mais do que a turma pode oferecer.

Durante o grupo focal elas sempre disseram que têm todo um cuidado especial com as turmas da EJA, uma vez que, em sua maioria atende pessoas com idade um pouco mais avançada e têm uma dificuldade maior em assimilar o conteúdo, então elas disseram que preparam as aulas o mais básico possível, pois preferem que eles aprendam, nem que seja um pouco, ao invés de sobrecarregá-los com muito conteúdo e eles não aprenderem nada como disse a E2 “que também não adianta você só jogar o assunto e o aluno num absorver nada”.

Durante o grupo focal as duas professoras entrevistadas disseram que era muito bom ensinar tanto na EJA quanto o ensino regular, pois tal experiência permitiria a ambas ter uma visão dos “dois lados da moeda”, referindo-se ao Ensino Médio regular e ao ensino médio na modalidade EJA.

Quando perguntamos se o educador de EJA tem uma identidade própria a entrevistada E2 falou:

Sim, que ele tem que ter uma visão diferenciada. Sim, ele tem que conseguir absorver a turma, é, ter uma noção de como é a turma, claro que ele não vai agir

igual a ele age com a outra turma do Ensino Fundamental, Ensino Médio normal, ele tem que ter outra identidade, uma outra visão, a gente tem que olhar para o aluno e ver o que ele precisa[...]”. (Grupo focal realizado com E1 e E2 no dia 02/11/2016).

Enquanto a E2 diz que o professor de EJA tem sim uma identidade e a E1 concorda com ela.

Já quando questionamos qual seria esta identidade a entrevistada E2 falou “acho que é isso que a gente tinha falado, ter um olhar diferenciado, ter uma delicadeza, ter uma preparação diferente, vai ser sempre assim, a gente vai ter que fazer uma sondagem para ver como é a turma, o que, que a gente vai dar, como é que a gente vai dar[...]”. A entrevistada E1 concordou e complementou “preparar todos os conteúdos para ver de que maneira eles entendam bem”.

4.2 REFLETINDO SOBRE UMA PERCEPÇÃO DIFERENTE: ENTREVISTA COM UM PROFESSOR INICIANTE EM EJA

A experiência junto ao professor E3 foi totalmente diversa da dinâmica do grupo focal, bem como, os posicionamentos foram muito diferentes, mostrando como as percepções de docentes acerca de sua imagem podem variar bastante. Vale ressaltar que não aplicado com E3 a dinâmica do grupo focal por questões de incompatibilidade de horário entre os mesmo e as demais participantes, por isso, foi utilizada a entrevista individual com E3.

Uma vez questionado acerca da sua autoimagem enquanto professor de EJA, o entrevistado E3 disse que se tornou uma pessoa mais “séria”, como podemos perceber no trecho a seguir:

[...] se eu for me comparar quando eu comecei a lecionar aqui na escola, hoje eu tenho uma imagem mais séria, mais centrada naquilo que eu realmente quero, porque quando eu comecei aqui na escola, eu era imaturo e não tinha o pensamento formado, hoje devido à maturidade, depois do tempo de lecionar, hoje posso dizer que eu sou uma pessoa mais séria, em relação ao ato de lecionar. (Entrevistado E3, entrevista concedida dia 08/11/2016).

Como observamos, E3 diz que mudou sua forma de lecionar com a maturidade, se tornando uma pessoa mais centrada e séria em seu trabalho, e que esta seriedade foi adquirida com a experiência. Dessa forma podemos perceber que a experiência adquirida com o tempo faz de nós professores e professoras uma pessoa mais focada naquilo que queremos e que fazemos. A seriedade adquirida com o tempo pode nos fazer educadores mais focados e com mais maturidade.

Guarnieri (apud Nogaro e Dall' Agnol 2003, p. 15) diz que:

a idéia de que é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, o aprendizado da profissão a partir de seu exercício possibilita configurar como vai sendo constituído o processo de aprender a ensinar. Tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente.

Como observamos na citação acima, é exercendo a profissão que podemos solidificar a arte de ser professor, ou seja, é através da prática que vamos aperfeiçoando o processo de aprendermos a ensinar, a experiência vivida no ambiente escolar nos faz cada vez mais a aprendermos a arte ensinar.

Ainda sobre experiência escolar, Nogaro e Dall' Agnol, (2003, p.15) nos fala que “A experiência é algo que sem dúvida vai contribuindo cada vez mais com a melhoria da prática e da teoria do professor”. Diante disso, podemos perceber o quão importante a prática é para nossa construção profissional e que as experiências que adquirimos com esta prática pode nos tornar profissionais mais preparados no exercício desta profissão.

Logo em seguida, procuramos saber como o referido professor percebia a diferença entre o Ensino Médio regular e o Ensino Médio EJA. Ao fazer esta pergunta a E3 ele disse que:

A principal diferença é em relação ao interesse dos alunos, que quando você se depara com uma turma de EJA, e você já ensinou uma turma de Ensino Médio normal eles têm um objetivo comum, não só terminar o Ensino Médio, mas a [...] grande maioria hoje tem a visão da universidade, e quando você vai ensinar a EJA você ver que [...] a grande maioria do EJA eles só querem terminar o Ensino Médio, são pessoas voltadas mais para a área do trabalho, pessoas de uma idade mais avançada [...]. (Entrevistado E3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Para E3 a sociedade não respeita o professor como deveria, e acredita que não há mais respeito entre sociedade e professor, que até mesmo os pais não se interessam pelo o que seus filhos fazem na escola.

Nesta perspectiva de como a sociedade percebe o(a) professor(a) podemos notar que as fala do docente se aproxima das reflexões de Arroyo (2011) as quais ele nos fala que a sociedade tem uma visão meio que distorcida do que é o(a) professor(a). Alguns nos vêem como pessoas badernistas, como pessoas que vão a rua fazer zoadas, onde na verdade eles estão ali reivindicando os seus direitos. Arroyo (2011, p.15) ainda se pergunta “Por que apenas nos vêem como docentes que ensinam, aprovam-reprovam e não sabem ensinar sem reprovar?”, esta pergunta nos faz pensar se somos realmente este tipo de professor que não sabemos ensinar sem reprovar o aluno, será que somos este instrumento de ensino que a E2 já havia falado no grupo focal?

Contudo uma das coisas que mais chamaram a atenção é uma visão um tanto pessimista de E3 com relação à EJA e o exercício constante de comparação entre o ensino regular e a EJA, no qual há sempre uma valorização positiva do ensino regular quando confrontado com a EJA:

Eu, acima de tudo ele devia, eu acho que o... [expressão de quem procura palavras] professor da EJA não deveria dar aula em outras, em Ensino Médio. Ele deveria ser um professor unicamente da Eja, ou seja, se esse, se um determinado ano letivo ele só for dar aula ao EJA, só ao EJA, que isso é quase impossível, por causa da carga horária, mas muita coisa que interfere no, na alto estima do professor é exatamente isso, quando você tem uma turma do Ensino Médio que eles têm um objetivo em comum, e você vai pro EJA e ver a realidade totalmente diferente, então quando você se depara só com essa situação é mais fácil, eu acho, a pessoa se trabalhar, conseguir trabalhar melhor e tentar mudar essa situação, o pensamento do aluno da Eja. Mas quando você tem trabalhar os dois, aí você acaba se desestimulando então, prestando a atenção em mais uma turma que tem um interesse maior. (Entrevistado E3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Como podemos observar na fala acima existe uma diferença entre a visão das entrevistadas no grupo focal e a percepção do professor entrevistado, o que não significa dizer que vamos abordar essas visões do ponto de vista dos valores: quem está errado ou certo. Cabe lembrar, porém, que o professor E3 é o que tem o menor tempo, aproximadamente dois anos, de experiência com a modalidade EJA, já que tem pouco mais de um ano que a escola a qual ele leciona trabalha com esta modalidade. Já as entrevistadas E1 e E2 têm um pouco mais de experiências com estas turmas, talvez isso faça com que elas tenham esta visão da EJA.

Assim, continuando nossa análise, podemos perceber na fala de E3 que ele não se sente à vontade em ministrar aulas para turmas de EJA, como ele próprio diz acaba se “desestimulando” como professor, já com as turmas do Ensino Médio regular ele se sente mais à vontade. Para ele seria mais confortável dar aulas apenas só para a EJA ou só para o ensino regular, pois assim não ficaria comparando uma turma com a outra. Ao que parece, o professor E3 não consegue se perceber enquanto tendo uma identidade de professor de EJA, muito embora pareça reconhecer a existência dessa identidade.

Talvez por isso mesmo, o entrevistado E3 foi categórico ao afirmar que o professor da EJA não tem uma identidade própria, falando que “Não, não tem, a gente tende a ficar se moldando, ‘tá’ melhor se adequando a situação”. Neste caso vemos uma contradição entre os entrevistados. O entrevistado E3 falou ainda que:

Seria o que, muitas vezes é a gente vem dar aula ao Ensino Médio como eu dou, e a gente, tem já o perfil, o traçado de como vai ser a sua aula durante o dia. Então, quando é que a gente muda a identidade? É quando a gente chega no Eja e vê que do

jeito que a gente tenta fazer no Ensino Médio não dá, né, então acaba, você acaba se modificando da seguinte forma, seu humor, certo, sua maneira de ensinar, ou seja, as vezes você fica como se rebaixando também pra se aperfeiçoar a aquele publico, aquele alunado. (Entrevistado 3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Diante desta fala podemos perceber que ela se confirma com a fala anterior do entrevistado E3, na qual ele sempre faz comparação entre as turmas de EJA e as turmas de Ensino Médio regular. Observamos na fala acima que ele afirma que dar aulas ao Ensino Médio é mais confortável, uma vez que, como ele mesmo diz já tem “o perfil, o traçado”, já sabe como será sua aula, e com a EJA não, ele não sabe como se dará sua aula, como será a reação da turma diante da sua aula. Ele chega a dizer que dar aulas às turmas de Eja é como se tivesse se rebaixando, ou seja, como se fosse uma diminuição de sua posição profissional.

4.3 DIANTE DA IMAGEM: ABORDANDO OUTRAS PERCEPÇÕES DOCENTES DIANTE DE IMAGENS VISUAIS (FOTO-ELICITAÇÃO)

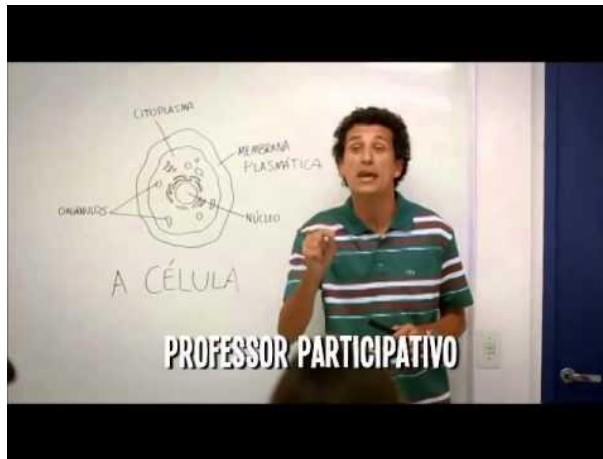
Ao final do grupo focal e da entrevista individual foram mostradas onze imagens (ver anexo) mostrando vários imagens de professores(as) aos entrevistados, e foi pedido que eles avaliassem cada uma das imagens e dissesse com qual(is) da(s) imagem/imagens eles(as) se identificavam e explicasse o porquê das imagens escolhidas.

As professoras E1 e E2 escolheram a imagem 6 e a imagem 8. A imagem6 (Figura 1) porque elas se consideram professoras participativas uma chegou a dizer que a imagem é a “cara dela”, que se viu na imagem, até porque a imagem traz o desenho de uma célula. Também disseram que disciplina de Biologia/Ciências requer ilustração, desenhos, pois não basta apenas explicar o conteúdo, tem que mostrar, o aluno precisa ver para entender o conteúdo que está sendo mostrado, ministrado em sala.

E2:[reação da entrevistada é de surpresa ao ver a imagem] Ah! Porque eu já me vi ali na imagem, um professor que consegue transmitir, de certa forma, fazer uma ilustração bacana pro aluno, eu acho que isso conta muito, principalmente na disciplina da gente, o aluno precisa visualizar pra poder entender, num adianta eu ta falando célula, membrana plasmática, núcleo, tal tal, eles não vão entender, então eu tenho que ter a imagem pra eles poderem visualizar, poder entender o que eu tô falando. (Grupo Focal realizado com E1 e E2 no dia 02/11/2016).

Como podemos ver na fala de E2 ela fica surpresa ao se deparar com a imagem o que pode significar a sua satisfação com o seu modo de agir em sala de aula. Na percepção de E2, um professor participativo faz com que seus alunos sejam participativos também.

Figura 01 – Imagem do álbum de foto-elicitação



Fonte: <http://beegfree.org/search/?q=tipos+de>

Já a escolha da imagem 8 (Figura 2) pelas entrevistadas foi porque elas disseram que é o melhor momento da aula, ou seja, é o momento em que o aluno participa, mostra o que aprendeu e o que não aprendeu na aula, é o momento que o(a) professor(a) vê se o seu modo de “passar o conteúdo está correto”. É neste momento que o aluno tira suas dúvidas e que o(a) professor(a) sacia a vontade do aluno de querer mais informação sobre o assunto visto em sala.

Figura 02 – Imagem do álbum de foto-elicitação



Fonte: <http://cultura.culturamix.com/ensino/as-abordagens-de-ensino>.

Acredito que esta participação do aluno em sala se dá pela liberdade que o(a) professor dar em sala de aula para seus alunos. Esta liberdade me vem em mente o que Paulo Freire dizia quando comparava a educação bancária com a educação libertadora, na qual a primeira o educador deposita seus conhecimentos em seus alunos, ou seja, só ele sabe e o aluno tem que aprender aquilo que ele está dando sem poder questionar. Já a segunda é o contrário, o educador já não deposita seus conhecimentos no aluno, neste caso o aluno tem voz e vez em

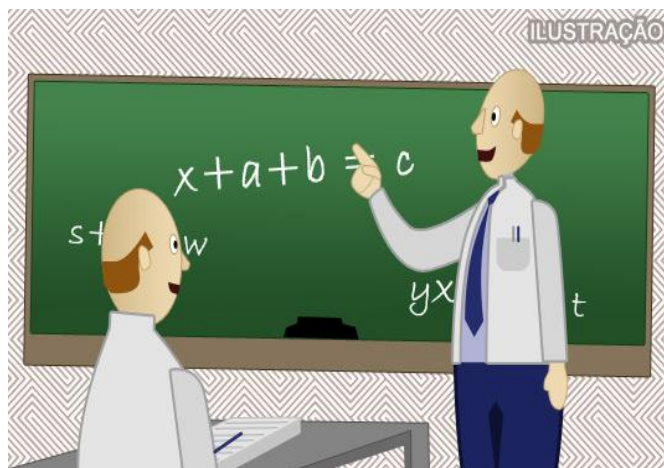
sala de aula, ele pode questionar e tirar suas dúvidas, tornando-se assim educandos mais críticos e conscientes de seus deveres e direitos.

Ao mostrar as imagens ao professor E3 ele escolheu as imagens 6 e 7. A imagem 6 (Figura 1) porque ele se acha um professor participativo no sentido de ajudar os alunos em suas dificuldades, ou seja, se o aluno da EJA tem dificuldade em uma outra disciplina que acaba tendo um envolvimento com a disciplina de Biologia, ele disse que tenta suprir esta carência ajudando o aluno com uma revisão. Ele citou um exemplo: “quando eu ‘tou dando’ aula de Genética, às vezes eu preciso da uma revisão de Matemática, mesmo não sendo minha obrigação”.

Já a escolha da imagem 7 (Figura 3) ele falou que é o que ele faz, ou seja, ele é de trabalhar individualmente com o aluno. Quando o aluno tem alguma dúvida ele disse que vai até o aluno e fica diretamente com ele tentando sanar a dúvida que ele possa ter.

Por que é justamente isso que eu faço, eu trabalho muito com o aluno individual, sabe às vezes a gente tá com, eu tenho 15 alunos na sala de aula, eu vejo que um tá com interesse maior e os outros não, não professor a gente já entendeu isso e aquilo, eu pego e olhe o que você tá com duvida, aí vou e fico diretamente com ele porque eu vejo que ele quer sanar aquela duvida que ele tá tendo. Então, eu faço mais ou menos essa imagem aí de pegar o aluno só e trabalhar com ele. (Entrevistado 3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Figura 03 – Imagem do álbum de foto-elicitação



Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/foto/0,,20750258-EX,00.jpg>

Como podemos observar cada professor tem sua própria percepção sobre os seus atos dentro de uma sala de aula. Cada um(a) se vê de uma forma, mesmo que tenham escolhidos imagens representativas iguais, as formas com praticam o que a imagem representa é diferenciada de professor(a) para professor(a). Cada professor ou professora tem suas

particularidades, mesmo que em alguns momentos seus pensamentos coincidam com os pensamentos de outros(as) professores(as), como ocorreu com E1 e E2, mas também pode ocorrer visão diferenciada como foi com E3. Cada um(a) através de suas experiências e de sua história, constrói sua autoimagem como docente, e esta construção se dará a cada dia na convivência com seus alunos e alunas no ambiente escolar.

5. AS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM

Como já pudemos ver no decorrer deste trabalho o processo de construção da identidade seja ela pessoal ou profissional sofre influências de algo ou de alguma coisa. Diante disso perguntamos aos entrevistados o que influencia na construção da identidade docente para ele. As Entrevistadas E1 e E2 disseram que as dificuldades, as experiências vividas em sala de aula influenciam na construção de suas identidades docentes. Elas ainda citaram que o reconhecimento por parte dos alunos é muito gratificante, e que isso faz com que elas queiram cada vez mais melhorar como profissional. São as experiências que faz com que elas construam suas próprias identidades docentes, uma vez que esta identidade está sempre em construção.

O Entrevistado E3 disse que “o aluno é o principal ponto que influencia a dar uma aula melhor [...]”, ou seja, para ele o aluno é o principal incentivador de sua construção da identidade docente, quando o aluno se interessa pelo o que ele está ministrando em sala ele sente que a aula foi melhor, porém, quando o aluno não mostra interesse, se distrai acaba desestimulando o professor, segundo ele (E3).

Ao perguntar se eles(as) achavam que se inspiraram em algum(a) professor(a) para construir sua identidade a entrevistada 1 falou que sim e que acima de tudo os professores de Ciências:

[...] principalmente os professores de Ciências [...], a gente já isola uma matéria que a gente gosta né, geralmente, eu já gostava muito de Ciências, Geografia, Português, mas era sempre a que se destacava era Ciências, então os professores de Ciências marcaram muito, ‘pra’ que cada vez mais que eu fosse gostando, e na universidade foi o que selou, né.”(Entrevistada 1, entrevista concedida dia 02/11/2016).

A entrevistada E2 disse que sim e que sua primeira experiência foi em casa, pois sua mãe é professora, e, posteriormente, no Ensino Fundamental onde conheceu uma professora de Ciências e se apaixonou pela a aula da professora. Contudo, apareceu uma professora de História que também gostava, o que a levou a ter dúvidas sobre qual curso seguir. Só que no seu Ensino Médio teve um professor de Biologia que, por coincidência, era afilhado de sua mãe e que foi, segundo a entrevistada, “onde ela se realizou”, pois não havia aula melhor do que a desse professor e que era incapaz de alguém não se inspirar nele. E foi a este professor também que ela comprou o seu primeiro livro de Biologia, que guarda até hoje, no qual ela chama de “reliquia”. Este professor para ela foi e continua sendo sua inspiração.

Diante disso, Masetto (apud NOGARO E DALL’ AGNOL, 2003, p. 4) aponta que:

Algumas pesquisas nos dizem (e podemos tentar isso conosco mesmos) que os professores que nos marcaram para o resto de nossas vidas, além de serem competentes em suas áreas de conhecimento, foram aqueles que incentivaram a pesquisa; abriram nossas cabeças para outros campos, outras ciências, outras visões de mundo; nos ajudaram a aprender a ser críticos, criativos, exploradores da imaginação; manifestaram respeito aos alunos, interesse e preocupação por eles, disponibilidade em atendê-los, resolver-lhes as dúvidas, orientá-los em decisões profissionais; demonstraram honestidade intelectual, coerência entre o discurso de aula e sua ação, amizade; enfim, aspectos marcantes relacionados à convivência humana em sala de aula.

Como podemos observar, a convivência com nossos educadores nos influenciam de alguma forma, seja na escolha de um curso, ou na construção de nossa identidade. Estes professores que tanto nos marcaram viram nossa referência profissional e talvez até pessoal.

Quando questionei se elas carregam consigo algo destes(as) professores(as) elas disseram que sim. A E2 citou novamente este professor do Ensino Médio e disse que queria reproduzir mais deste professor, e ainda falou que não é “um terço do que ele é hoje”, mas que um dia quer ser. Ao ver elas falarem de seus professores, principalmente a E2 em relação a este professor, pude observar a emoção, o prazer com elas falavam deles(as), vi também o quão apaixonadas elas são pela profissão que escolheram para suas vidas, e isto me impressionou bastante.

Arroyo (2011) nos fala que sempre levaremos conosco algo de nossos mestres, que por mais que o tempo passe, novas tecnologias sejam criadas não irá apagar o que aprendemos com nossos professores. Arroyo diz que “[...] educar incorpora as marcas de um ofício e de uma arte, aprendida no diálogo de gerações. O magistério incorpora perícia e saberes aprendidos pela espécie humana ao longo de sua formação” (ARROYO, 2011, p. 18). Diante destas falas podemos ver que os conhecimentos são passados de geração para geração através de diálogos, e porque não dizer através de nossas convivências com os mestres de outrora.

O E3 também falou que se inspirou em algum(a) professor(a) para construir sua identidade docente e que carrega consigo algo deste(a) professor(a). Ele citou o seu irmão que começou a ensinar primeiro que ele e sua esposa que também começou a ensinar antes dele. Falou que de certa forma lhe mostraram os desafios e realidades que estavam a sua espera, até mesmo a forma de “portar” na sala de aula.

Como podemos ver os(as) professores(as) tiveram influência positiva em nossos (as) entrevistados(as), porém, nem sempre isto ocorre, as vezes há professores(as) que nos influenciam negativamente, ou seja, não tem uma boa prática docente o que acaba influenciando alguns futuros docentes a repetirem esta sua prática não tão boa, digamos assim. No entanto, cabe a nós, futuros(as) docentes, analisar se queremos repetir a “má

prática” ou usar isto como ferramenta para fazer diferente. Nogaro e Dall’ Agnol (2003, p. 5) nos fala sobre isto:

Dependendo da prática aplicada pelo professor o aluno cria diferentes imagens sobre várias coisas, inclusive sobre o professor. Em uma prática repressora, o aluno pode perceber que é o professor o único que sabe, que fala, que dita as normas, que é ativo, que é o diferente, enquanto os alunos, são passivos, não falam, não sabem nada, representam a homogeneidade e apenas fazem o que o professor quer. Sentindo-se oprimido o aluno pode desejar, em alguns casos, tornar-se repressor, ou seja, reproduzir o comportamento observado no professor. O aluno pode também, ao indignar-se com a prática do professor, desejar ser professor para conseguir ter uma prática diferente, humanizadora e libertadora, mas isto demanda a construção de uma consciência crítica, por parte do aluno, para que ele veja a possibilidade de tornar-se alguém diferente que auxilia e liberta.

Quando indagados se a imagem do(a) professor(a) é única ou se modifica com o tempo, a E1 disse que “se modifica, cada dia busca inovação, renovação, né, principalmente nas aulas pra não ficar na mesma coisa sempre”. Já a E2 falou que “existe o professor que ele tem aquela metodologia que ela é até o último momento”, porém ela falou que já não é a “mesma de quatro anos atrás”, a E1 complementa dizendo que você sente que é necessário mudar. Então, podemos perceber que sempre estaremos em processo de mudança, de composição desta imagem docente.

Durante a conversa perguntamos se elas acham que a imagem pessoal se mistura com a pessoal, elas ficaram meio que confusas, a E1 disse que não sabia que “depende” e que dentro da escola é diferente de estar fora da sala de aula, já a E2 disse que “mais ou menos, que na realidade não pode confundir muito o professor com a pessoa”. A entrevistada 2 complementou ainda que não tratava de não ter uma boa relação com os seus alunos, mas que não poderia se expor demais, principalmente quando se mora e se trabalha na mesma cidade, onde todos se conhecem. Questionamos se elas levam algo de si para dentro da sala elas responderam que sim, a E2 disse que sua maneira de agir é a mesma dentro e fora da sala de aula.

Quando perguntamos ao entrevistado E3 se a imagem do professor é única ou se modifica ele respondeu que sim, “se modifica e muito, não tem como o professor ficar com a mesma imagem, até porque a convivência com os alunos e os obstáculos que a pessoa enfrenta faz com que a gente acabe mudando”. e quando o indagamos se a imagem pessoal e a profissional se misturavam ele simplesmente respondeu “se mistura”.

Diante disso, podemos ver que as opiniões expressas por cada entrevistado(a) nos levam a pensar sobre a nossa imagem pessoal e a profissional, mesmo que não sejamos completamente iguais nas duas ocasiões, sempre levaremos algo de uma ou outra em nossa vida, em nosso modo de agir.

Nóvoa et al. (1995) fala sobre isto em seu livro “Vida de Professores”, ele fala sobre esta relação existente entre o “eu pessoal com o eu profissional”:

[...] Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser, é impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal. (NÓVOA, 1992, p. 17).

Como podemos observar na citação acima o autor fala desta relação entre imagens pessoal e profissional, mesmo que não queiramos, sempre existirá uma relação entre uma imagem e outra, e acredito que isto nos faz docentes mais sérios e mais comprometidos com a profissão que escolhemos exercer, de certa forma estaremos sendo honestos consigo mesmo, pois seremos um só em ambos os momentos, pessoa e professor(a).

Diante de tudo que foi abordado vejo o quão importante é, termos clareza sobre a construção de nossa identidade docente. Quanto mais olharmos para nós e tentarmos identificar a nossa própria imagem, cada vez mais iremos clarear, digamos assim, a visão que temos de nós mesmos, e como se deu ou se dá a construção desta imagem, desta identidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi abordado e interpretado foi possível perceber que os(as) professores(as) tem uma imagem positiva de si mesmos, afirmando que se vêem como professores(as) que fazem uma mediação e que inovam com seus alunos em sala de aula, e que se tornaram pessoas mais sérias em seu modo de agir. Percebemos também que, para alguns/algumas docentes existem diferenças entre lecionar no ensino regular e na modalidade EJA, pois são turmas distintas, e que a EJA necessita de uma atenção especial devido a composição da turma, influenciando na postura, na didática e, consequentemente na identidade deste(a) professor(a). Para outros a relação entre o interesse entre uma turma e outra, onde as turmas do Ensino Médio regular tem um interesse maior em prosseguir nos estudos, as turmas de EJA, em parte, quer apenas concluir os estudos e focar em conseguir um trabalho.

Percebemos também que para estes e estas docentes, diversos fatores influenciam na construção de suas identidades como professores(as), tais como: as dificuldades encontradas em sala de aula, o interesse do próprio aluno em querer saber mais, o reconhecimento por parte dos alunos. Então vemos que o aluno é o ponto central da construção da identidade docente destes e destas professores e professoras. É o aluno que faz com que o(a) professor(a) queira sempre buscar novos caminhos, novos métodos de ensino, a querer melhorar como profissional. Porém, além do aluno ser uma fonte de inspiração para o professor construir sua identidade, há também aqueles e aquelas professores e professoras que passaram por nossas vidas, e que para os(as) entrevistados(as) foram fundamentais para a construção de suas identidades docentes, pois, foram eles(as) que os inspiraram em seguir esta profissão. Foi perceptível durante o grupo focal e a entrevista individual a satisfação que estes e estas docentes tinham em falar de seus mestres, aqueles que tanto os inspiraram e os motivaram a serem professores cada vez melhor, chegando a dizer que as aulas destes professores (as) foi onde se realizaram, devido a maneira com estes(as) ministravam suas aulas, tanto é que uma das entrevistadas disse que ainda chegara pelo a metade do foi um de seus professores de Biologia.

Diante disto, podemos observar o quão um(a) professor(a) é importante na vida de seus alunos, pois somos fonte de inspiração e referências para com eles. A forma com que tratamos, ensinamos os nossos alunos marcam profundamente os mesmos.

No entanto, é visível para estes(as) educadores(as) que é importante a visão que a sociedade tem deles enquanto profissionais, porém, a visão deles de como a sociedade vê o professor é preocupante, pois para uns o professor é visto como “instrumento de ensino” e para outros a sociedade não dar o respeito merecido a estes profissionais. Esta visão nos remete as falas de Arroyo (2011) em seu livro “Ofício de Mestre” no qual ele fala que a sociedade vê os professores como espécies de “baderneiros”, se caso estes reivindicam seus direitos, é como se professores(as) não pudessem ir as ruas para reivindicar aquilo que é seu por direito, porque se o fazem não merecem serem chamados de professores(as), porque se o fossem não estariam ali. E isso é uma visão social que vem sendo construídas a anos, não é algo recente. É como o entrevistado E3 falou, “a sociedade não dá o respeito que o professor merece”, nem mesmo a própria família dos alunos, segundo ele, se interessam pelo o que seus filhos e filhas então aprendendo e vivenciando no ambiente escolar. Estas visões destes(as) professores(as) devem nos fazer pensar como somos vistos perante a sociedade e o que leva a sociedade nos ver desta forma.

Já em relação a imagem do professor se modificar ou não, todos foram categóricos em suas respostas, dizendo que a imagem se modifica com o tempo, pois sempre estão buscando inovações, renovações, a convivência com os alunos, os obstáculos enfrentados diariamente em sala de aula, tudo isso contribui para a modificação da imagem do professor. Então vemos que nossa imagem vive em constante modificação e construção, que tudo o que vivenciamos contribui de forma significativa para esta construção.

De acordo com os fatos coletados podemos dizer que a identidade do professor da EJA, segundo as entrevistadas devem ser com mais delicadeza, devido a turma, pois são especiais. Já de acordo com o entrevistado o professor deveria se restringir unicamente a esta modalidade de ensino, uma vez que seria facilitado o seu trabalho como professor, já que ele diz que quando se trabalha com ambos -ensino regular e EJA -, acaba se desestimulando, pois no ensino regular os alunos são mais interessados e os da EJA nem tanto. Para as entrevistadas este professor possui identidade própria, pois o professor tem que “absorver” a turma, tem que entender a turma, que não tem como ter a mesma identidade de um professor de ensino regular. De acordo com o entrevistado este professor não tem identidade própria porque ele tem que se moldar a situação, ou seja, para ele o professor de EJA vai se modelando de acordo com a turma.

De acordo os resultados obtidos percebe-se que a identidade do professor da EJA é vista pelos(as) docentes como diferenciada da identidade de um professor de um ensino

regular, porém, nem todo professor (a) apto ou preparado para está ensinar a EJA, pois como vimos anteriormente um dos entrevistados se sente rebaixado ao ensinar a EJA. E isto nos faz refletir sobre nossa profissão, se estamos satisfeitos com ela, se estamos realmente preparados para ensinar a qualquer tipo ou modalidade de ensino. Cabe a nós pararmos e pensarmos sobre o rumo que estamos dando à nossa profissão, para que assim, possamos cada vez mais nos tornar profissionais felizes e realizados com nossa profissão.

Durante a coleta destes dados foi feita uma foto-elicitación, que consiste em mostrar imagens aos entrevistados para que eles analisassem e dissessem com quais imagens se identificavam. E isto foi realmente muito forte para mim enquanto pesquisadora, pois ao ver a reação dos(as) professores(as) ao verem as imagens me fez ver um pouco como eles se sentem e se vêem como educadores.

Durante a realização deste trabalho vivenciei momentos de surpresas, até momento de emoção ao ver que os(as) professores(as) se sentem realizados com a escolha da profissão, mesmo que um ou outro não esteja satisfeito com a turma que esta lecionando, isto não diminui o seu amor pela profissão escolhida, ao contrario nos faz pensar que profissional queremos ser. Uns profissionais tem mais afinidade com crianças, outros com jovens, outros com adultos, há aqueles que têm afinidade com todos outros não. Cabe a nós pararmos e olharmos para nós, e vermos os a imagem que temos de nós mesmos. Talvez isso não seja uma tarefa fácil, mas quem falou que seria? Devemos sempre olharmos para dentro de nós e ver o que realmente somos e que queremos ser. Cabe a nós decidirmos que pessoa e profissional iremos ser. Ao nos autoperceber provavelmente seremos mais felizes tanto como pessoas mais principalmente como profissionais e sendo felizes faremos nossos alunos felizes e satisfeitos com seus professores. Devemos sempre lembrar que nossa identidade, nossa imagem e autoimagem estará sempre em construção e que esta construção dependera de tudo o que vivemos e vamos viver, das nossas experiências, do contato social com as pessoas, com a sociedade e, principalmente, com nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 13.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Tradução: José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Z. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

DUBAR, C. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997, 190p. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:jaI6h55ebWcJ:scholar.google.com/+dubar&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1>. Acesso em 9 de setembro de 2016.

FARIA, E. SOUZA, V. L. T., Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.15, p.35-42, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282321834004>> ISSN 1413-8557. Acesso em 9 de setembro de 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. 43ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2011.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S.. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 45-56, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a04v31n1>>. Acesso em 08 de set 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. Edição. São Paulo: DP&A, 2006. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/35088825/identidade_cultural_posmodernidade.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1473475734&Signature=46T1JyHsYcLdS1%2FccpHYtBFyLDA%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DIdentidade_cultural_posmodernidade.pdf>. Acesso em 9 de setembro de 2016.

NOGARO, A.; DALL' AGNOL, A. Imagens e Auto-imagens: uma análise sobre representações da profissão docente. **Revista Perspectiva**, v. 27, nº 99, 2003. Disponível em: <<http://nogaroaprendizagem.blogspot.com.br/2008/04/imagens-e-auto-imagens-uma-analise-sobre.html>>. Acesso em Outubro de 2016.

NÓVOA, A. et. al. **Vida de Professores**. 2ª ed. porto editora, Portugal, 1995. 214 p.

OLIVEIRA, M.; DE FREITAS, H. M.R. Focus group—pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 33, n. 3, p.83-91,1998. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj-2Ijz8_7PAhVHPJAKHSImCEcQFgg5MAM&url=http%3A%2F%2F200.232.30.99%2Fdownload.asp%3Ffile%3D3303083.pdf&usq=AFQjCNHkyraAgDSPM2SMEjDwmLuOfYFXgg>. Acesso em 27 de outubro de 2016.

OLIVEIRA, Z. M. R. et al. **Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil**. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 129, p. 547-571, 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0336129.pdf>>. Acesso em 08 set de 2016.

PAIVA, V. **História da Educação da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 6ª ed. revista e ampliada: Loyola, São Paulo, 2003. 527 p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, S. P.; RODRIGUES, F. F. S.. Formações identitárias e saberes docentes: Alguns apontamentos para pensar a formação docente do ensino superior. **Cadernos da FUCAMP**, v. 10, n. 12, p. 18-26, 2010. Disponível em:<<http://fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/140/124>>. Acesso em 3 de out 2016.

APÊNDICES

FIGURAS DO ALBÚM DE FOTO-ELICITAÇÃO APRESENTADO AOS SUJEITOS DA PESQUISA

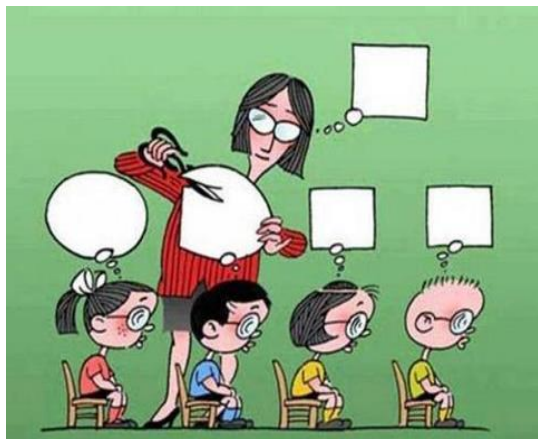


Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5

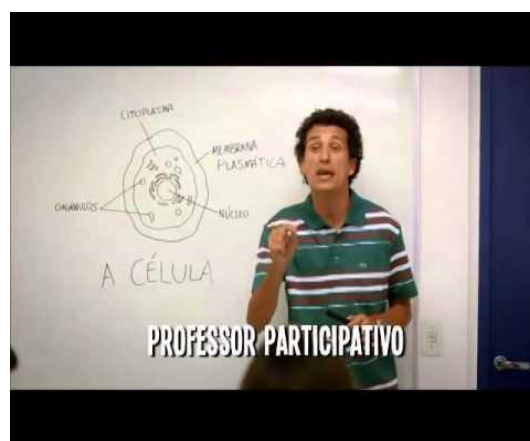


Imagem 6

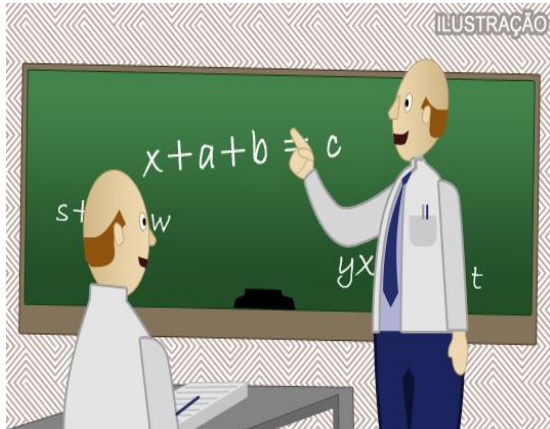


Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9

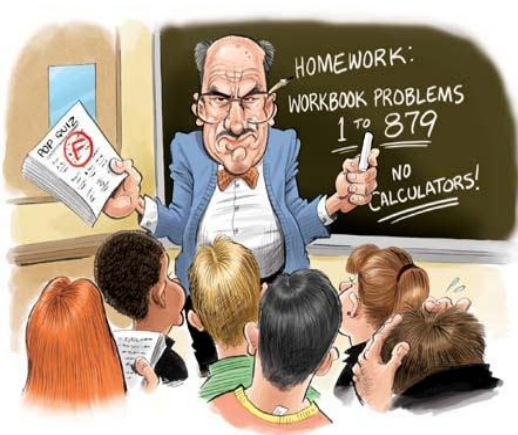


Imagem 10



Imagem 11



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS – CAMPUS II
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA/GRUPO FOCAL

Esta pesquisa faz parte do processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - exigido pela Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do título de graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas. Informamos que não é necessária a sua identificação e que as informações obtidas serão tratadas de maneira conjunta, garantindo-se o sigilo e a não divulgação das mesmas de forma individual.

1. Qual a imagem que você tem de si mesmo(a) enquanto professor(a)?
2. Qual a diferença entre ser professor(a) de uma turma de Ensino Médio ou Ensino Fundamental para uma turma de Eja?
3. Para você o que influencia na construção de sua identidade docente?
4. Você acha que se inspirou em algum(a) professor(a) para construir sua identidade?
5. Como você acha que a sociedade vê o(a) professor(a)?
6. Você acha que imagem do(a) professor(a) é única ou ela vai modificando com o tempo?
7. Como deve ou deveria ser o(a) professor(a) da EJA? Este(a) professor(a) tem uma identidade própria? Qual seria esta identidade?